



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS NA LITERATURA INFANTIL: REALIDADE E NECESSIDADE

Ms. Marlos José Lima Machado – Org. Melisma

“Amar não é aceitar tudo. Aliás: onde tudo é aceito, desconfio que há falta de amor.”

Vladimir Maiakovski

Desde o final do século XX até os dias atuais a quantidade de literatura infantil que aborda a temática homoafetiva, mesmo que timidamente, vem aumentando. É importante ressaltar que o foco dessas obras normalmente não estão voltadas para a questão da sexualidade, e as vezes até no amor entre o casal homoafetivo, e sim nas relações inter e intrapessoais de afeto, de compromisso social, entre indivíduos heterossexuais/homossexuais, de indivíduos, que independente da sua opção sexual, fazem parte da sociedade, vivem suas vidas normalmente, seja no seio familiar ou na comunidade, enfim na sociedade onde estão inseridos, e podemos citar pelo menos duas obras com estas características como: *Olívia tem dois pais* e *Meus dois pais*.

A importância da inserção de obras com temática homoafetiva ou homoparental na educação de crianças é um passo importante para o combate a homofobia e a lesbofobia tão presente no nosso país. É a partir do contato com essas obras que podemos despertar um sentimento de respeito entre heterossexuais e homossexuais.

O preconceito em relação as obras de temática homoafetiva é algo que dificulta tanto a utilização dessas obras no cenário escolar quanto o aumento de publicações que abordem a homoafetividade e a homoparentalidade. Ainda é muito presente nos discursos de pais, professores, religiosos, a ideia deturpada de que a criança ao ter contato com obras de temática homoafetiva se tornará homoafetivo, porém se assim o fosse, nenhuma família orientada heterossexualmente teria entre seus familiares pessoas homoafetivas.

É dentro dessa exposição que este trabalho busca ideias, pensamentos, conhecimentos, que juntos contribuam para o entendimento sobre a importância que obras com essa temática tem para a construção de uma sociedade mais tolerante com o indivíduo homoafetivo e



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

famílias homoparentais.

A abordagem deteve-se em apresentar a necessidade e justificativa da utilização dessas obras com temática homoafetiva no contexto escolar, a possibilidade da construção da tolerância a partir do contato com essas obras e discutir o seu teor que preocupa-se, normalmente, em apresentar as relações afetivas, sociais, entre indivíduos homossexuais/heterossexuais e homossexuais/homossexuais.

Temática homoafetiva na escola através da literatura infantil

O homoafetivo seja feminino ou masculino estão, tanto no campo das ideias quanto na vida real inseridos nos ambientes sociais, mas infelizmente, na sua maioria, ainda são percebidos ou pensados como o (a) doente, o (a) pervertido (a), enfim é marginalizado (a) graças a herança histórica, cultural e machista que impera até os dias atuais, estendendo-se este entendimento discriminatório as famílias homoparentais. “[...] o sujeito homossexual ainda é condenado à invisibilidade, inclusive discursiva”. (FACCO, 2009)

Entendemos que a literatura infantil de temática homoafetiva vem para tentar desconstruir essa ideia negativa sobre o homoafetivo e estimular um possível desabrochar da tolerância contribuindo para minimizar o alto grau de violência, discriminação, que indivíduos homoafetivos sofrem apenas por escolher viver a sua vida a dois com pessoas do mesmo sexo. A intolerância é tanta, que a sociedade machista insiste em pensar e relacionar o homoafetivo apenas ao sexo, ao prazer sexual, ao desejo dos corpos. E onde fica a vida social, familiar, enfim a vida afetiva desses indivíduos?

[...] [há] o fato de lésbicas e gays estarem assumindo para si e publicamente, em escala crescente, a linguagem da ternura e da preocupação sentimental em suas parcerias amorosas, bem como dando mostras de uma reedição daquilo que Ariès chama de “sentimento da família”, re-definindo padrões de conjugalidade e parentalidade. (MELLO *apud* SILVEIRA e KAERCHER, 2013).

As obras *Olívia tem dois pais* e *Meus dois pais*, apresentam esse novo modelo de família, a homoparental, sem fazer nenhuma apologia ao sexo. Elas abordam a vida social, familiar, afetiva entre os indivíduos – adultos e crianças – sem conflitos. Os conflitos só



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

aparecem com a interferência do, ou dos Outros, que intolerantes com o “diferente” sexual, provocam, discriminam, os personagens crianças por viverem em uma família considerada anormal. Não importa para os antagonistas se os protagonistas são felizes, se vivem bem, se são amados. É percebido a partir da leitura dessas obras que a família homoparental é apresentada como uma família igual a qualquer outra, que protege e cuida dos seus,

[...] sem recorrer a didatismos ou lições explícitas sobre casais homossexuais – nem nos escassos paratextos – a obra insere no mundo social normal a existência de famílias homoparentais, como se elas fizessem (e fazem!) parte das inúmeras configurações familiares contemporâneas. (SILVEIRA e KAERCHER, 2013)

Independente de sua opção sexual, o indivíduo nasce, cresce, envelhece, convivendo com seus familiares, amigos, colegas, comunidade. É uma necessidade do ser humano relacionar-se com o outro. Entretanto essas relações na trajetória da vida, em sua maioria, não estão ligadas ao sexo, e boa parte desta trajetória, principalmente no período de formação do indivíduo social, é vivenciada na escola. Sendo assim, a escola é um ambiente favorável para cultivar a tolerância e ensinar-nos, desde pequenos, a respeitarmos o Outro independente de sexo, gênero, raça, etnia.

A escola é um espaço onde várias culturas se encontram, onde vários pensamentos, comportamentos e discursos estão circulando e confrontando-se entre si. É sabido que a escola promove ou tenta promover nos seus educandos virtudes morais e éticas que possibilitem a boa convivência entre os indivíduos e a construção de uma sociedade mais humana, porém o preconceito, a discriminação, presentes na sociedade, também conseguem penetrar em seus muros caminhando lado a lado da educação tão almejada, e caso nada seja feito, tende-se a perpetuar o sentimento de intolerância em relação ao “diferente” marcados pela heteronormatividade.

[...] desde muito pequenos vamos sendo apresentados a comportamentos e símbolos que vão construindo nossos contornos sexuais e serão por nós reivindicados e usados para nos separar entre homens e mulheres. Mas, estas práticas não somente nos separam, elas nos dizem como devemos nos posicionar frente à vida. (CAETANO, 2012)

Sabe-se que tratar dessa temática na escola ainda é algo muito delicado, seja por causa



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

dos pais ou até mesmo de profissionais da educação que juntos corroboram com pensamentos fundamentados em concepções machistas, religiosas, em relação à sexualidade, o que seria uma primeira justificativa da necessidade de utilizarmos obras infantis de temática homoafetiva desde as séries iniciais para desconstruir concepções que contribuem para perpetuar pensamentos discriminatórios e manutenção da homofobia. “[...] concordo com Barcellos (*op. cit.*) quando afirma que a grande literatura é um instrumento poderoso para que a humanidade se conscientize a respeito de sua própria história e da possibilidade de construir uma sociedade diferente.” (FACCO, 2009).

Segundo Machado (2014), “A literatura infantil se divide para atender às fases da infância, transformando-se em um instrumento importante para a educação, [...] capaz de ajudar na formação da personalidade da criança, pois além de recrear, ela instrui.” Pode-se afirmar que a literatura possibilita ao leitor conseguir tanto respostas de problemas ou situações que normalmente não conseguiria tê-los a partir dos ambientes aos quais está inserido, como também respostas ou problematizações apresentadas a partir do (a) marginalizado (a), da voz dada aos personagens considerados pejorativamente de “diferentes”.

Quanto a literatura voltada para os jovens e crianças, Edmund White 'ressalta a importância do acesso por parte das gerações mais jovens a uma Literatura que apresente a vida *gay* de maneira positiva e natural, bem como a novidade que esse processo constitui para o próprio fazer literário.' (Barcellos, *op. cit.*, p. 53).” (FACCO, 2009)

Essas obras dão voz às famílias homoparentais. Obras como: *Olívia tem dois pais e Meus dois pais*, nos apresentam conflitos ou problemas causados pelo Outro heterossexual. Os protagonistas das histórias normalmente são bem resolvidos economicamente, de sua opção sexual, abertos a adoção, aparentemente felizes.

Essa possibilidade reflexiva de discursos de grupos separados pela heteronormatividade vem sendo, já há algum tempo, apresentados significativamente pela literatura, e a literatura infantil de temática homoafetiva vem contribuindo para essa discussão proporcionando reflexão, confronto de concepções, motivando o cultivo ou o desabrochar da tolerância. Antes de tolerar é preciso conhecer. Conhecer o Outro a partir da sua própria voz.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

“A função da literatura não deve ser a de criar uma nova 'verdade', mas a de reagir à verdade estabelecida” (FACCO, 2009). A literatura dá voz ao marginalizado possibilitando-nos conhecê-lo, proporcionando o confronto, a reflexão, tornando-se então um instrumento importante para a desconstrução e (re) construção de concepções que se tem sobre a homoafetividade e a homoparentalidade.

Tolerar para combater preconceitos

Assim como há preconceitos em relação ao homoafetivo, o termo tolerância assim também o tem. Isso porque o entendimento sobre a tolerância, hoje considerada uma virtude moral, ainda é pensada, por uma maioria, de forma simplista e arcaica.

La defensa filosófica de la tolerancia, a partir de la segunda mitad del s. XVII, toma sus argumentos, a favor de la libertad de conciencia, de la naturaleza racional del hombre y de principios de la ley natural, e insiste en que la libertad de creencias y costumbres forma parte del derecho natural y se distingue claramente entre ley civil y ley divina. (MORATÓ, apud LACAZ-RUIS et al, 2014)

Tolerar é aceitar pensamentos, discursos e comportamentos do outro. É a partir das manifestações do outro, das quais não concordo, que a tolerância acontece. A tolerância aqui é pensada no seu sentido mais amplo e filosófico. É tudo aquilo que se opõe ao ódio, a violência, ao fanatismo, a raiva, a cólera. É no cultivo da tolerância que aprendemos a aceitar o outro na diferença.

O nascimento do conceito da tolerância se deu no rescaldo das lutas religiosas; massacres recíprocos de protestantes e católicos. [...] livres pensadores, adeptos de iluminismo, se viam discriminados e perseguidos por todos os fanatismos. E foram eles, que em nome da razão, mobilizaram a opinião pública contra os horrores da intolerância, proclamaram o direito sagrado de discordar, de guiar-se por sua consciência e por sua razão, [...] Afirmar o "direito sagrado de divergir" e negar a quem quer que seja — em especial ao Estado e às maiorias — o direito de reprimir a diversidade alheia, de perseguir os dissidentes, de tentar reduzir pela força as divergências, e proclamar o dever que tem os Estados e os grupos sociais de respeitar a alteridade, de não perseguir a ninguém por causa de suas opiniões, e de modo mais amplo, de não discriminar ninguém por causa de diferença de religião, de raça, de sexo, de idade, etc. (MENEZES, 1996. p.6)

A tolerância aparece em um período quando a intolerância está no seu auge. É da



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

necessidade de se combater a intolerância que a tolerância surge. Educarmos nossas crianças para a tolerância propõe uma nova expectativa para o olhar nas diferenças, para que no futuro igrejas, sociedades, meios de comunicação se (re) eduquem na tolerância. “É uma reafirmação, uma reposição do sujeito frente à intolerância que quer negá-lo: ao afirmar-se contra sua negação, afirma-se como um direito de ser o que é; e nega ao intolerante o direito de negá-lo.” (MENEZES, 1996). A intolerância mata, discrimina, pune, rejeita, pelo seu ódio a diversidade alheia (MENEZES, 1996), e é nessa perspectiva que grupos marginalizados se unem para combatê-la para negar a negação que a sociedade machista, patriarcal e dominante prega, esse combate é fundamentado no oposto da intolerância, que é a tolerância.

Considerações finais

Educar para tolerância adultos que atiram uns nos outros por motivos étnicos e religiosos é tempo perdido. Tarde demais. A intolerância selvagem deve ser, portanto, combatida em suas raízes, através de uma educação constante que tem início na mais tenra infância, antes que possa ser escrita em um livro, e antes que se torne uma casca comportamental espessa e dura demais. (UMBERTO ECO apud MENEZES, 1996)

A literatura de temática homoafetiva homoparental apresenta, ao leitor, a família “diferente” como algo normal, natural, e ainda famílias homoparentais estáveis. Visa apresentar a vida a qual está inserida, realidades específicas das quais possam estar vivenciando direta ou indiretamente, enfim propõe textos que possam identificar-se, ou simplesmente, apresentar questões que causam o mal-estar na sociedade machista através do olhar do Outro, através do olhar do marginalizado.

“[...] educar para a tolerância é uma questão de justiça que visa assegurar, numa sociedade pluralista, a maior multiplicidade possível de ofertas de vida feliz condizentes com a estatura moral que estes tempos nos exigem.” (MENEZES, 1997), enfim o contato com obras que apresentam o marginalizado, o “diferente” pode sim despertar em nossas crianças a tolerância, não só com o Outro homoafetivo, como também, o Outro religioso, Cultural etc.

BIBLIOGRAFIA



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

CAETANO, Marcio. Narrativas na primeira pessoa: experiência docente, gênero e sexualidades no cotidiano escolar. In.: SILVA, Antonio de Pádua Dias da (org.). **Sobre pessoas (sexuais) e seus papéis socioculturais: ensaios de literatura e psicologia**. João Pessoa: Editora Realize, 2012. p.33-57.

CARRASCO, Walcyr. **Meus dos pais**. 1. ed. São Paulo: Àtica, 2010.

FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infano juvenil**. São Paulo: Summus, 2009.

LACAZ-RUIS, Rogério. **O Limite e a Tolerância**. Disponível em: http://www.hottopos.com.br/vidlib2/o_limite_e_a_toler%C3%A2ncia.htm. Acesso em: 27/05/2014.

LEITE, Márcia. **Olívia tem dois pais**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2010.

MACHADO, Marlos José Lima Machado. **Literatura infantil e homoafetividade**. Campina Grande: Edição do Autor/Org Melisma, 2014.

MENEZES, Paulo. **Tolerância e religiões**, in: TEIXEIRA, F. (org.) **O diálogo inter-religioso como afirmação da vida**, São Paulo: Paulinas, 1997, pág.: 39-54.

_____. **Filosofia e tolerância**. Síntese Revista de Filosofia. 1996. V. 23. n.72. p. 5-11.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. KAERCHER, Gládis E. da Silva. **Dois papais, duas mães: novas famílias na literatura infantil**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1191-1206, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>.